

**HOMENS
E VIOLÊNCIA
DE GÊNERO**

**Homens, violência de gênero
e saúde sexual e reprodutiva:
um estudo sobre homens
no Rio de Janeiro/Brasil**



Instituto
PROMUNDO

INSTITUTO
NOOS
DE PESQUISAS
SISTÊMICAS E
DESENVOLVIMENTO
DE REDES SOCIAIS

pesquisas

Copyright 2003 © Instituto PROMUNDO e Instituto NOOS

Coordenação

Fernando Acosta, Instituto NOOS

Gary Barker, Instituto PROMUNDO

Análise de dados quantitativos e qualitativos

Soraya Oliveira, Instituto PROMUNDO

Consultoria para análise de dados quantitativos e pesquisa de campo

Antônio Carlos Alkimin, IBGE / Fatos

Luisa Helena Pitanga, Fatos

Marina S. Teixeira, Instituto NOOS / Fatos

Consultoria na elaboração do questionário

Julie Pulerwitz, Horizons / Population Council

Equipe técnica do projeto

Alan Bronz, Instituto NOOS, Amanda Ferreira Simões, Instituto NOOS, Antônio Andrade Filho, Instituto NOOS, Antônio da Motta Schnoor, Instituto NOOS, Carlos Eduardo Zuma, Instituto NOOS, Fabian Dullens, Instituto NOOS, Márcio Segundo, Instituto PROMUNDO, Marcos Nascimento, Instituto PROMUNDO, Odilon Miranda Junior, Instituto PROMUNDO, Roberto Marinho Amado, Instituto NOOS

Entrevistadores

Adailton da Silva, Afrânio de Oliveira Silva, Alberto José Patrício Pereira, Aldridge Rodrigues Soares Neto, André Saldanha da Costa, Eduardo Freitas, Eduardo Gomes Worms, Eduardo Leite Villaça, Eduardo Villarinho Gonçalves, Fernando Tavares da Silva, Flavio Santoro, Guilherme Lemos, Hildebrando Saraiva Jr, Jorge Arruda, José Luís Silva Rocha, Luciano da Cruz Mendonça, Luiz Felipe Thomaz da Silva, Marcius Vinicius Coutinho, Marcos Adissi, Odilon de Miranda Jr, Otávio dos Santos, Roberto Marinho Amado, Rodrigo Abecassis, Saul Finkielsztajn, Thiago de Jesus Esteves, Tiago de Paiva Almeida, Waldnei de Abreu e Yuri Kasahara.

Revisão

Marcelo da Silva Amorim

Agradecimentos

A todos os homens jovens do Projeto de Jovem para Jovem; Associação de Moradores de Nova Aliança, Bangu, Rio de Janeiro; Associação de Moradores Dona Marta, Botafogo, Rio de Janeiro; Administração Central e dos Blocos da Morada do Sol, Botafogo; Waldemir Corrêa; equipe do Instituto Promundo: Márcio Segundo, Bebhinn Ni Dhonaill, Patrícia Abecassis; A 4 Mãos Comunicação e Design; equipe do JohnSnowBrasil Consultoria: Miguel Fontes e Cecília Studart; Peter Roach, SSL International; equipe técnica do Núcleo de Gênero do Instituto NOOS: Alex de Souza, Eliane Messina, Irene Loewenstein, Juliana Monteiro Maio Pereira Rosas, Luiz Fernando Moreira, Regina Célia Cantini Rezende, Roberta Luz de Barbosa, Rosana Rapizo e Vera Lucia D. P. de Souza Mendes; Secretaria Administrativa do Instituto NOOS: Louis Albert Klaczko, Lídia Calixto Moreira, Juliana Rodrigues dos Santos e Waldnei de Abreu.

Apoio

John D. and Catherine T. MacArthur Foundation; SSL International

Contatos

Instituto PROMUNDO

Rua México, 31/1502 – Centro

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

20031-144

Tel. / Fax (5521) 2544-3114/2544-3115

promundo@promundo.org.br

www.promundo.org.br

Instituto NOOS

Rua Martins Ferreira, 28 – Botafogo

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

22271-010

Tel. / Fax (5521) 2579-2357/2579-2511

genero@noos.org.br

www.noos.org.br

Resumo

Este relatório apresenta os resultados de um estudo qualitativo e quantitativo em violência de gênero e saúde sexual e reprodutiva, com homens de faixa etária entre 15 e 60 anos, em dois bairros da cidade do Rio de Janeiro — Bangu e Botafogo —, envolvendo três comunidades: duas de baixa renda e uma de classe média. Foi aplicado um questionário a 749 homens, e realizaram-se discussões em grupos focais com 52 homens nesses mesmos bairros. O estudo revela que 25,4% dos homens afirmaram ter usado violência física pelo menos uma vez e que quase 40% disseram ter usado violência psicológica, pelo menos uma vez, contra sua parceira íntima — incluindo insultos, humilhação ou ameaças verbais. No total, 51,4% desses homens usaram algum tipo de violência — física, psicológica ou sexual — contra sua parceira íntima pelo menos uma vez. O uso de violência contra mulheres, neste estudo, encontra-se associado ao baixo nível educacional e ao fato de os homens terem sido vítimas ou testemunhas de violência contra as mulheres em suas famílias de origem. Os homens com idade entre 20 e 24 anos apresentaram as taxas mais altas quanto ao uso de violência contra mulheres (física, psicológica e sexual). Os homens das comunidades de baixa renda apresentaram taxas mais elevadas de violência contra mulheres do

que os do condomínio de classe média, embora o nível educacional pareça estar mais relacionado ao uso de violência do que a renda. O uso de violência contra mulheres também se encontra ligado ao menor uso de preservativo e maior incidência de doenças sexualmente transmissíveis (DST). Quinze por cento (15%) do total dos homens pesquisados relataram ter contraído DST ao menos uma vez; entretanto, apenas 42% deles informaram suas parceiras sobre o problema. Quanto ao fato de ser vítima e/ou testemunha de violência, 40% dos homens disseram ter testemunhado violência de um homem contra uma mulher em suas famílias de origem, e 45,5% informaram ter sido vítimas de violência física em casa. Nas discussões dos grupos focais, os homens apresentaram inúmeras justificativas para o uso de violência contra mulheres. Os resultados deste estudo estão sendo utilizados para fundamentar os projetos desenvolvidos pelo Instituto NOOS e Instituto PROMUNDO, com o propósito de envolver homens em questões de saúde sexual e reprodutiva, responsabilizá-los pela violência praticada e para elaborar estratégias de prevenção de violência contra mulheres em ações comunitárias.

Índice

I. Homens e Violência de Gênero: Uma Breve Introdução	.5
II. Objetivos do Estudo e Metodologia da Pesquisa	.7
III. Perfil Demográfico dos Homens Entrevistados	.9
IV. Resultados	.11
V. Discussão	.16
VI. Conclusões e Próximos Passos	.18
Referências	.20

A185	Acosta, Fernando Homens, violência de gênero e saúde sexual e reprodutiva : um estudo sobre homens no Rio de Janeiro/Brasil / Fernando Acosta, Gary Barker . – Rio de Janeiro : Instituto NOOS, 2003 . 40p. ; 21cm. ISBN 85-86132-05-5. 1. Homens. 2. Homens – Brasil. 3. Homens – Comportamento sexual. 4. Educação sexual. I. Título. CDD 306.7
------	--



I. HOMENS E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: BREVE INTRODUÇÃO

A extensão da violência de homens contra mulheres tornou-se preocupação fundamental para aqueles que elaboram políticas públicas e para os que trabalham em nome dos direitos das mulheres no Brasil. Um relatório publicado na revista *Isto É* (1995) apontou que 300.000 mulheres são vítimas de violência praticada por seus maridos ou parceiros, a cada ano, no Brasil. Mais da metade das mulheres assassinadas no Brasil foram mortas por seus parceiros (Heise, 1994). Uma pesquisa sugere que cerca de 20% das mulheres adultas no Brasil sofreram violência de um parceiro íntimo (Heise, 1994). Um estudo recente, em um bairro de classe média no Rio de Janeiro, identificou que cerca de 13% das mulheres sofreram violência física do parceiro íntimo no ano de 1999 (IBGE e Subsecretaria de Pesquisa e Cidadania da Secretaria de Estado de Segurança Pública do Rio de Janeiro, 1999). Em São Paulo, a partir de 2000, os homicídios — em sua maioria, cometidos por parceiros íntimos — foram a principal causa de morte entre mulheres com idades entre 10 e 49 anos, superando os índices de mortalidade provocada pela AIDS e de mortes relacionadas ao parto. Essa violência causa elevados custos para o sistema de saúde pública no Brasil e representa um enorme trauma para milhares de famílias.

Pesquisas em todo o mundo confirmam que a violência de gênero também está relacionada à saúde reprodutiva e à prática de sexo inseguro. Mulheres que foram ou são vítimas de violência de gênero apresentam menos autonomia na administração de suas vidas sexuais e na decisão de usar ou não preservativos. Ao mesmo tempo, homens violentos nas relações com suas parceiras são, provavelmente, menos participativos nas discussões e decisões relativas à saúde sexual e reprodutiva. Essa foi também a conclusão de um estudo com mulheres hispano-americanas entre 18 e 44 anos, em uma cidade norte-americana, em três meses de pesquisa. Nesse estudo, 18% das mulheres informaram ter sido agredidas por um parceiro, e 7% informaram ter sido forçadas a praticar sexo (Crittenden, 1999). Essas mulheres vitimadas relataram sentir-se menos capazes de sugerir práticas de sexo mais seguras. Resultados de um estudo comparativo sobre violência entre adolescentes no Rio de Janeiro, Cape Town (África do Sul) e Washington, demonstraram que o uso de coerção sexual e violência, entre adolescentes, nas relações sexuais estava associado com o baixo uso de preservativo (Ricardo, Ruzany, Seedat et al., 2000). O uso de violência por parte dos homens contra mulheres provavelmente não constitui a “causa” de sua falta de

envolvimento em assuntos relativos à saúde sexual e reprodutiva. De forma decisiva, a violência de gênero e a falta de envolvimento de alguns homens nas questões relativas à saúde sexual e reprodutiva permitem compreender que o problema emerge a partir de um conjunto de visões tradicionais e rígidas sobre o que significa ser homem e sobre masculinidades.

O que sabemos sobre os fatores associados aos diversos tipos de violência de homens contra mulheres? Vários estudos no Brasil e em outros países fornecem perspectivas sobre essa questão:

➤ Pesquisas no Brasil sugerem que a violência de gênero aparece, freqüentemente, como parte dos “papéis sexuais” e/ou “scripts de gênero” nos quais a violência é considerada justificável pelos homens quando as mulheres mantêm uma relação extraconjugal ou quando não cumprem com o que é reputado como suas responsabilidades domésticas. Alguns homens acreditam que podem recorrer à violência quando lhes são negados os “benefícios” de uma sociedade fundamentalmente patriarcal. Estudos também demonstram que os homens jovens, às vezes, justificam a violência de gênero praticada pelos seus pares oferecendo-lhes apoio mútuo (Barker & Loewenstein, 1997; Barker, 2000 & 2001).

➤ A violência de homens contra mulheres está profundamente associada ao modo como os homens são socializados. Uma vez que os meninos são geralmente ensinados a reprimir emoções, a raiva torna-se um dos poucos sentimentos que os homens podem expressar com aprovação da sociedade. Além disso, durante o processo de socialização, muitos homens não desenvolvem habilidades de comunicação interpessoal adequadas às relações pautadas pelo diálogo. Podemos acrescentar a isso o fato de os meninos serem freqüentemente educados de forma a acreditar que têm o direito de esperar determinados comportamentos das mulheres, bem como de poder utilizar abuso físico, verbal ou qualquer outra forma de violência, caso elas não cumpram com suas “obrigações”, como cuidar da casa ou prover sexo.

➤ A violência de homens contra mulheres é freqüentemente associada à tensão decorrente de dificuldades econômicas ligadas à provisão familiar. Ao se depararem com a impossibilidade de cumprir com o tradicional papel de provedor, alguns homens recorrem à violência na tentativa de reafirmarem o “poder masculino”. Estudos nos E.U.A. e na Europa identificaram que os elevados índices de violência doméstica estão associados à baixa

auto-estima e a idéias tradicionais sobre papéis de gênero por parte dos homens (Archer, 1994). Homens que não desenvolvem outros modelos de identidade podem ser mais suscetíveis a recorrer à violência em suas relações íntimas. De forma semelhante, visões tradicionais sobre sexualidade nas quais os homens identificam as mulheres como objetos sexuais também estão associadas à violência doméstica e sexual.

➤ Homens que testemunharam violências de homens contra mulheres em suas famílias de origem, ou foram vítimas de abuso ou violência em casa, estão mais propensos ao uso de violência contra suas parceiras, filhos e filhas, reproduzindo o que alguns estudiosos denominaram de “ciclo transgeracional de violência”. No Brasil, os elevados índices de abuso físico relacionado a meninos, excluindo o abuso sexual, sugerem que eles estão mais vulneráveis que as meninas a esse tipo de violência em casa. Isso pode estar relacionado ao uso subsequente de violência por parte de alguns homens em suas relações íntimas. Um estudo no Rio de Janeiro, em bairros de baixa renda, evidenciou, com base nas informações prestadas por meninos e meninas, que 61% dos meninos foram vítimas de violência física por parte de seus pais, em contraposição a 47% das meninas (Assis, 1997). Em um estudo realizado pelo Instituto PROMUNDO e CESPI/USU no bairro de Bangu, Rio de Janeiro, com adolescentes entre 13 e 19 anos de idade, 23% dos homens e 11% das mulheres relataram ter sido vítimas de violência em casa. Dessa forma, o número de meninos identificados como vítimas de violência supera, em duas vezes, o de meninas (CESPI/USU & PROMUNDO, 2001). É evidente que nem todos os meninos que testemunharam e/ou foram vítimas de violência doméstica usarão de violência contra suas parceiras. Porém, o fato dos homens serem socializados em contextos em que a violência é banalizada e considerada como algo “normal” aumenta a probabilidade do uso de violência em suas relações íntimas.

➤ O silêncio dos homens sobre violências cometidas por outros homens contribui para a manutenção da violência doméstica. Uma pesquisa qualitativa com homens jovens em uma comunidade de baixa renda, no Rio de Janeiro, revelou que, apesar de mais da metade dos 25 homens jovens entrevistados informarem ter testemunhado violência em suas casas, a maioria sente-se impotente para denunciar o problema, freqüentemente utilizando o ditado popular “Em briga de marido e mulher não se mete a colher”. Eles temiam



sofrer retaliações caso interviessem (Barker, 2000 & 2001). Como se afirma neste estudo, bem como em outras pesquisas, a maioria dos homens não usa violência física contra suas parceiras, mas se cala diante da violência cometida contra mulheres por outros homens.

Ao se discutir o uso de violência por parte de homens contra mulheres, é importante considerar que essa violência quase sempre ocorre numa relação íntima onde nem sempre é possível delimitar a posição de vítima e/ou agressor. Numa pesquisa realizada pelo Instituto NOOS e Instituto PROMUNDO com pessoas vivendo em situações de violência de gênero, uma parcela das mulheres e dos homens relatou reagir às agressões do parceiro ou parceira, utilizando algum tipo de violência (verbal, psicológica ou física) uns

contra os outros (Projeto Piloto de Aplicação de Penas Alternativas aos Homens Autores de Violência Doméstica, no Âmbito dos Juizados Especiais Criminais, 2001). Nas discussões em grupos focais desse projeto, homens e mulheres informaram que algumas mulheres começavam a reagir de forma mais intensa à violência praticada pelos homens, empregando, em alguns casos, violência física nas suas relações. Nesse estudo, 57% das mulheres que foram vítimas de violência física por parte de seus parceiros informaram ter reagido de algum modo (gritando ou batendo), e 45% delas relataram que o parceiro já as havia agredido fisicamente pelo menos uma vez. O fato de essas mulheres reagirem de forma violenta a esse tipo de comportamento dos homens não justifica a prática de violência de homens contra mulheres, mas contribui

para explicar o contexto no qual acontece a violência de gênero.

Esta breve revisão de estudos sobre homens e violência de gênero sugere que os fatores associados ao uso de violência de homens contra mulheres são variados, pois compreendem aspectos sociais, culturais, individuais e da própria relação. Não há, portanto, um fator único e específico que explique o uso de violência por parte dos homens contra as mulheres. Antes, é necessário considerar a interação dos fatores pessoais e da relação homem/mulher dentro de um contexto cultural para se analisar esse tipo de violência. Os fatores da relação homem/mulher estão fortemente relacionados a uma sociedade em que as relações de gênero são pautadas por distinções hierárquicas que geram um desequilíbrio na relação entre os gêneros em que normalmente os homens são os detentores do poder.



II. OBJETIVOS DO ESTUDO E METODOLOGIA DA PESQUISA

Pesquisa e objetivos

Este estudo buscou explorar as atitudes de homens e o uso de violência contra mulheres, a partir da perspectiva dos homens, utilizando-se a abordagem relacional de gênero, verificando a associação entre violência de gênero e saúde sexual e reprodutiva. O estudo surgiu de atividades contínuas do Instituto PROMUNDO e Instituto NOOS e vem contribuindo para a concepção de campanhas de conscientização e outras atividades que visam envolver e responsabilizar homens adultos e jovens na redução do uso de violência contra mulheres, bem como em assuntos relativos à saúde sexual e reprodutiva.

Nesse estudo procuramos, sobretudo,

- compreender a extensão e a natureza do uso de violência de homens contra mulheres, a partir da perspectiva dos homens, em dois bairros (duas comunidades de baixa renda e um condomínio de classe média) no Rio de Janeiro;
- explorar os possíveis fatores associados ao uso de violência de homens contra mulheres nesses contextos;
- explorar as relações entre saúde sexual e reprodutiva e o uso de violência de homens contra mulheres.

Locais da Pesquisa

O estudo foi desenvolvido em três comunidades: (1) uma favela na Zona Sul do Rio de Janeiro (Botafogo); (2) uma comunidade de baixa renda na Zona Oeste do Rio de Janeiro (bairro de Bangu, que representa uma composição de comunidade de baixa renda e área favelizada); e (3) um condomínio em bairro de classe média,

na Zona Sul do Rio de Janeiro (Botafogo). A realização da pesquisa nesses diferentes locais nos permitiu fazer uma análise comparativa da violência de homens contra mulheres em três comunidades da cidade do Rio de Janeiro. Cabe ressaltar que as duas áreas de baixa renda são, também, locais onde o Instituto PROMUNDO e Instituto NOOS trabalham com a finalidade de engajar os homens na prevenção de violência de gênero e temas relacionados.

Metodologia

O estudo consistiu em:

Abordagem quantitativa: A equipe de pesquisa — composta por entrevistadores do sexo masculino — aplicou um questionário a 749 homens na faixa etária entre 15 e 60 anos. O questionário foi dirigido a uma amostra aleatória, numa pesquisa domiciliar, cuja seleção obedeceu aos critérios utilizados para o censo demográfico. Os entrevistadores aplicaram o questionário nas residências dos homens ou, quando necessário, em locais próximos, no intuito de assegurar-lhes a privacidade. O questionário compreendia os seguintes itens: perfil demográfico, conhecimento sobre saúde sexual e reprodutiva, atitudes relacionadas aos papéis de gênero, uso de violência contra mulheres, uso de preservativo e vitimação por violência na família de origem, entre outros. Para a construção do questionário foram utilizadas várias fontes, inclusive a nossa pesquisa em um projeto de penas alternativas para homens encaminhados pela Justiça por terem praticado violência contra suas parceiras (Instituto NOOS e Instituto PROMUNDO, 2001), instrumentos da OMS sobre pesquisa em violência de gênero usada com mulheres, itens do Demographic and Health Surveys (DHS), e ainda,

instrumentos utilizados pelo *Horizons/Population Council*. O questionário foi pré-testado com homens nas três comunidades. Incluíram-se ali itens adicionais de acordo com os resultados apresentados tanto no teste preliminar quanto nos grupos focais.

Para fins de análise, o cálculo amostral classificou os homens entrevistados em quatro faixas etárias: (1) 15-19; (2) 20-24; (3) 25-39; e (4) 40-59 anos de idade. A representatividade da amostra para cada faixa etária foi calculada com base nos valores assumidos efetivamente pela participação masculina nos três bairros, de acordo com os dados censitários. Para a faixa etária de 15 a 24 anos, foi realizado um questionário adicional que permitiu operacionalizar uma análise estatística complementar sobre homens jovens, com o objetivo de subsidiar uma intervenção específica do Instituto PROMUNDO em Bangu. Para assegurar a representatividade dos bairros, a amostra de 749 homens foi distribuída da seguinte forma: 135 no condomínio de classe média, em Botafogo; 135 na favela, em Botafogo; e 480 na comunidade de baixa renda, em Bangu.

Abordagem qualitativa: Para explorar as atitudes de homens relativas à violência contra mulheres, foi necessário efetuar oito discussões, em grupos focais, com um total de 52 homens nas áreas onde o questionário foi aplicado. Estes grupos foram realizados dividindo-se os participantes de acordo com a faixa etária. Todas as discussões foram registradas e transcritas. A inclusão da análise dos resultados dos grupos focais foi realizada a partir dos principais temas abordados. Isso possibilitou múltiplas leituras dos resultados, que foram comparados e contrastados com os resultados estatísticos desta pesquisa.

Análise estatística: A análise estatística dos dados seguiu, em primeiro lugar, a estratégia de elaborar índices sintéticos para as



diferentes dimensões da prática de violência masculina contra a mulher (física, psicológica, sexual e um índice composto). A seguir, foram estabelecidas correlações entre esses índices e outros indicadores da pesquisa, averiguando-se através do X^2 , — medida classicamente utilizada para avaliar o grau de independência entre as variáveis —, a confirmação de sua significância. Por fim, avaliou-se o padrão para as correlações que se demonstraram significativas.

Algumas Reflexões sobre a Metodologia

Para realizar esta pesquisa, contamos apenas com alguns exemplos e experiências no Brasil e na América Latina, a partir dos quais foi possível embasar o estudo. Todavia, nossa pesquisa anterior com uma pequena amostra de homens — que haviam sido encaminhados pelos Juizados Especiais Criminais do Rio de Janeiro (JECRIMs), por usarem violência contra mulheres — ofereceu algumas idéias para o encaminhamento do estudo. Esta

pesquisa confirmou que, quanto mais específica fosse a pergunta sobre o uso de violência por parte dos homens, mais provável seria obter uma resposta relatando a violência. Dessa forma, tornou-se mais adequado perguntar aos homens sobre os tipos de violência física que já haviam praticado (puxar cabelos, chutar, cortar etc.) do que questionar se já haviam praticado “qualquer tipo” de violência física. Além disso, trabalhamos com 25 entrevistadores, do sexo masculino, capacitados para a aplicação do questionário e com experiência em pesquisa por amostragem, em temas relacionados à sexualidade e HIV/AIDS.

Ao entrevistarmos os homens sobre violência de gênero, freqüentemente nos questionamos se eles admitiriam o uso de violência contra mulheres. A maioria deles compreende que esse tipo de violência não é publicamente aceitável. Conseqüentemente, pode-se supor que alguns homens entrevistados não tenham relatado o uso de violência contra mulheres. Todavia, o fato de 24,5% dos entrevistados admitirem o uso, pelo menos

uma vez, de violência física contra a parceira confirma os dados de pesquisas cujos resultados apontam que cerca de 30% das mulheres brasileiras já foram vítimas de violência física praticada pelos parceiros (Venturini, 2001). Entretanto, é importante ressaltar que, embora os homens admitam a prática de violência física, é também possível que não relatem o uso de violência sexual. Em nosso estudo (Penas Alternativas, Instituto NOOS e Instituto PROMUNDO, 2001) com homens que praticaram violência contra mulheres, e com mulheres vítimas dessa violência, os homens relataram algumas formas por eles utilizadas para forçar a parceira a manter relações sexuais (menos de 5%). Contudo, entre as mulheres entrevistadas nesse mesmo estudo, 40% informaram ter sido vítimas de violência sexual por parte do parceiro.

Cabe ainda destacar que o acesso aos homens do condomínio de classe média foi mais difícil que aos homens das comunidades de baixa renda, locais em que foram muito mais receptivos aos grupos focais e às entrevistas.

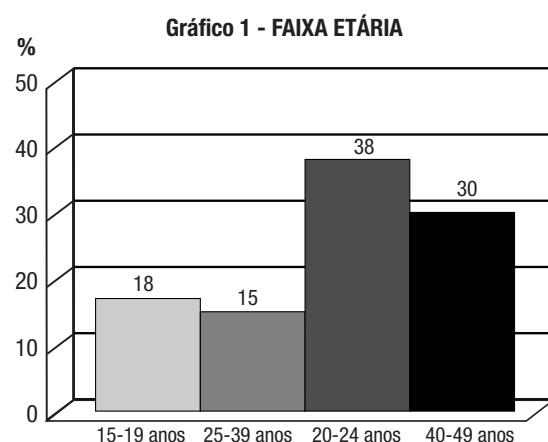


III. PERFIL DEMOGRÁFICO DOS HOMENS ENTREVISTADOS

Antes de descrevermos, especificamente, os resultados relacionados à saúde sexual reprodutiva e à violência de gênero, apresentaremos o perfil demográfico dos homens entrevistados.

Faixa etária dos homens

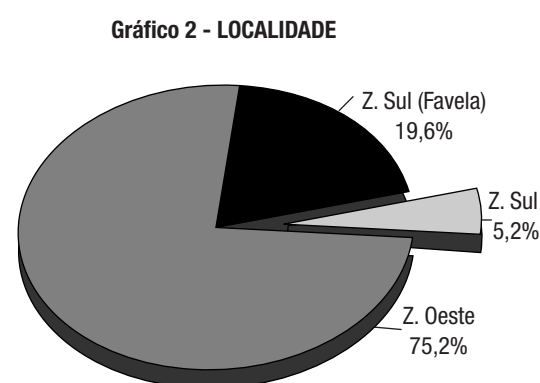
Conforme mencionado, os respondentes foram divididos em quatro grupos de idade para análise, como também se pode visualizar no Gráfico 1. Tínhamos interesse em lidar tanto com homens que estavam começando a sua vida sexual e amorosa como também com homens com experiências afetivas e sexuais duradouras. A inclusão de faixas etárias diferentes permitiu comparar especificidades



no uso de violência contra mulheres numa tentativa de delinear possíveis diferenças relacionadas à problemática entre as gerações.

Moradia

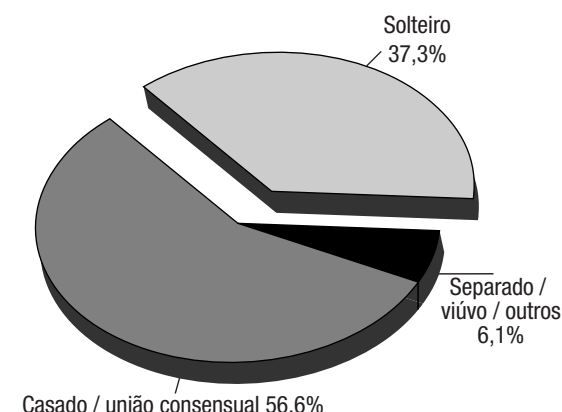
O Gráfico 2 apresenta a distribuição dos homens entrevistados de acordo com as áreas de moradia.



Situação conjugal

É possível observar, no Gráfico 3, que a maioria dos homens entrevistados (56,6%) são casados ou vivem em união consensual. Desses, a maioria (61,9%) se encontrava na faixa etária entre 20 e 39 anos.

Gráfico 3 - SITUAÇÃO CONJUGAL



Situação socioeconômica e emprego

Conforme mencionado, incluímos três comunidades diferentes, cada uma delas representando um grupo específico de renda: uma que possui renda mais baixa (favela em Botafogo), uma de renda empobrecida (Bangu) e outra com renda de classe média (condomínio em Botafogo). É importante mencionar que a inclusão deste último grupo teve como objetivo investigar a prática de violência de gênero nessa camada social — onde geralmente alimenta-se o mito de que a mesma não ocorre —, e compará-la com a incidência desse problema nas áreas empobrecidas da cidade.

O Gráfico 4 apresenta a distribuição da renda domiciliar, tendo no salário mínimo o indicador do nível de renda. A partir de 2002, o salário mínimo passou para R\$ 200,00 mensais. Também é importante mencionar que 61% dos homens entrevistados relataram ser chefes de família, enquanto 31,6% declararam ser dependentes.

Além disso, a maioria dos homens (68,8%) relatou estar exercendo alguma atividade remunerada. Entretanto, a probabilidade de estar trabalhando é maior para os que se encontram na faixa etária de 25 a 39 anos e menor para aqueles entre 15 a 19 anos de idade.

Escolaridade

Conforme se pode observar no gráfico 5, mais da metade dos homens entrevistados obtiveram educação primária ou inferior, enquanto 9,3% possuem educação de nível universitário, sendo estes quase todos oriundos de bairros da classe média.

IV. RESULTADOS

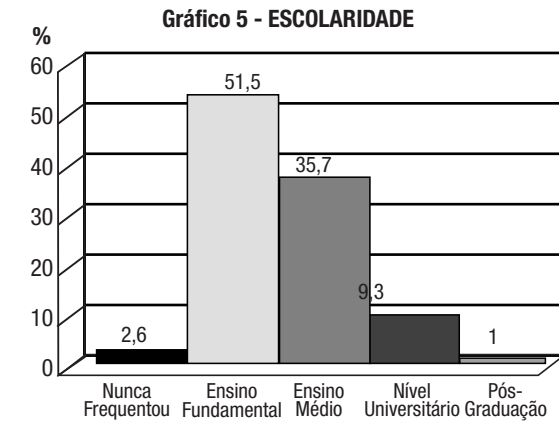
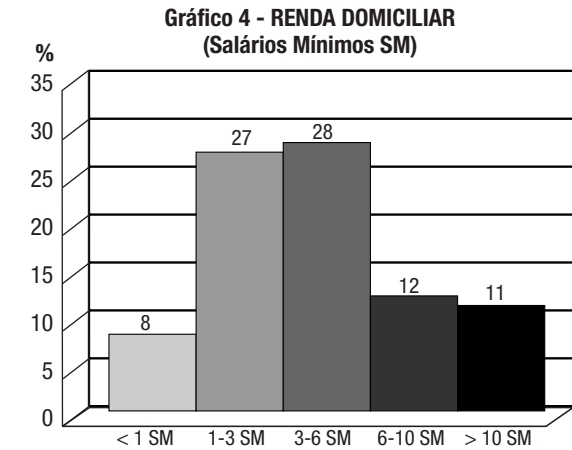
A seguir, apresentamos o resumo de algumas das conclusões mais relevantes baseadas, em sua maioria, nos dados quantitativos. Outros artigos e publicações serão produzidos com o objetivo de explorar, ainda mais, os dados qualitativos obtidos com a pesquisa.

Indicadores gerais sobre saúde sexual e reprodutiva

Além das perguntas relacionadas ao uso de violência de homens contra mulheres, foram realizadas várias outras relativas à saúde sexual e reprodutiva. Essas incluíram questões como a utilização de anticoncepcionais, preservativos, conhecimento a respeito do período fértil da mulher, número de parceiras, doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), dentre outras. Os resultados são bastante coerentes se comparados aos de outras pesquisas sobre homens e saúde sexual e reprodutiva no Brasil.

Como podemos observar na Tabela 1, segundo as informações

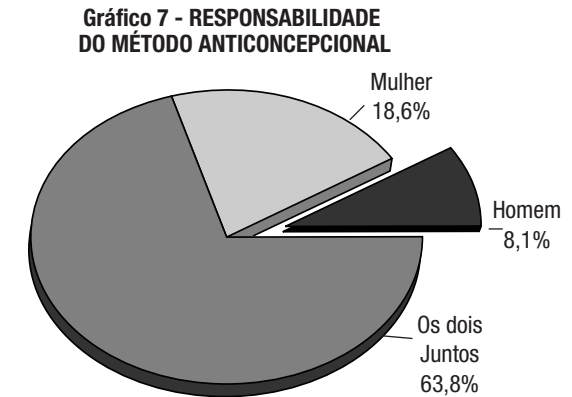
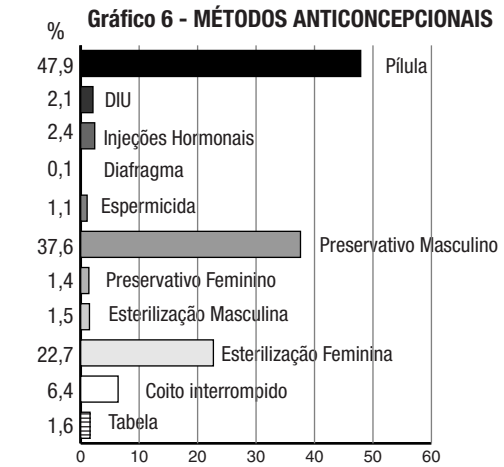
Tabela 1 - NÚMERO DE PARCEIRAS SEXUAIS NOS SEIS MESES ANTERIORES À PESQUISA				
Faixa Etária	0	1	2 - 3	Mais de 3
15 - 19 anos	9,6%	42,3%	30,8%	17,3%
20 - 24 anos	4,6%	47,2%	28,7%	18,5%
25 - 39 anos	2,4%	70,4%	19,7%	7,4%
40 - 59 anos	5,1%	78%	11,7%	5,1%



dos homens, o número de parceiras sexuais, nos últimos seis meses, varia consideravelmente de acordo com a idade do respondente. Homens jovens de 15 a 19 e de 20 a 24 anos de idade tiveram, provavelmente, mais de uma parceira sexual nos últimos seis meses, confirmando o padrão de experimentação sexual e afetiva nessa fase. Os homens acima de 25 anos de idade refletem uma tendência a maior estabilidade em suas relações amorosas. Em geral, os homens informaram ter tido, em média, 1,81 parceiras sexuais nos seis meses anteriores à realização da pesquisa.

Conforme indicado em outros estudos no Brasil, a média de idade para a primeira experiência sexual situa-se numa faixa anterior aos 20 anos. Sessenta e cinco por cento (65%) dos homens participantes dessa pesquisa tiveram a primeira experiência sexual aos 15 anos de idade. E, em consonância com resultados de estudos sobre o uso de métodos anticoncepcionais no Brasil, 63,8% dos homens entrevistados relataram que eles ou as parceiras utilizam algum método anticoncepcional. Como podemos observar no Gráfico 6, dentre os métodos mais utilizados, os citados como mais comuns foram os anticoncepcionais orais (pílula), os preservativos masculinos (camisinha) e a laqueadura de trompas (o índice total é superior a 100% porque foi permitido informar a utilização de mais de um método).

Como se verifica no Gráfico 7, a maioria de homens (63,8%) relata que a utilização de método anticoncepcional é responsabilidade de ambos os parceiros. Na prática, porém, de acordo com as



informações dos homens nos grupos focais, para a maioria deles, excetuando-se o uso de preservativos, a responsabilidade da utilização de métodos anticoncepcionais recai, sobretudo, nas mulheres.

Além das informações referentes ao “uso de anticoncepcionais”, 16,3% dos homens relataram ter participado, pelo menos uma vez, na decisão de a parceira realizar um aborto induzido.

No que se refere ao uso de preservativo, este estudo aponta, conforme se verifica em outros, que existem marcantes diferenças entre uso de preservativo com “parceiras estáveis” e seu uso com “parceiras eventuais”. O uso de preservativo, na última relação sexual, foi de 31,9% para os homens sexualmente ativos com uma parceira estável, em relação a todas as faixas etárias. Em relação aos homens sexualmente ativos, com uma parceira eventual, o índice chega a 67%. Dentre todas as faixas etárias, foram os homens jovens, entre 15 e 24 anos, os que apresentaram os mais altos índices no uso de preservativo, na última relação sexual, tanto com parceiras eventuais quanto com parceiras estáveis (77% e 52% respectivamente).

Quanto à paternidade, 62,7% dos homens informaram ter filhos. Quase um terço (33,4%) teve o primeiro filho antes dos 20 anos, e 17,5% os tiveram ainda na adolescência (antes dos 18 anos). Para aqueles que já têm filhos, a média de idade, por ocasião do nascimento do primeiro filho, era de 23,6 anos.

Em relação às DSTs, 15% dos homens informaram ter tido uma doença sexualmente transmissível pelo menos uma vez. Desses, mais de 60% relatou ter buscado tratamento médico, o que, em geral, foi facilitado por um profissional de saúde; 27,1% informaram que se automedicaram ou receberam tratamento de pessoas leigas. Dos homens que informaram ter contraído uma DST, 41,8% relataram ter informado a parceira sobre esse fato.

Dos entrevistados, 6,6% relataram ter tido uma experiência sexual com outro homem. Cabe mencionar que, nessa pesquisa, não foi questionado aos homens se eles se identificavam ou não como homossexuais ou se sentiam atraídos sexualmente por outro homem.

Indicadores gerais e índices de violência de gênero

Como já se mencionou, o questionário utilizado para este estudo incluiu várias perguntas relacionadas ao uso de violência dos homens contra a parceira, incluindo a frequência do uso dessa violência (nunca, uma vez, mais de uma vez e frequentemente). As três categorias de violência de gênero utilizadas (a partir da definição de violência de gênero da Conferência de Beijing sobre Mulheres, 1995) foram:

- violência física (bater / empurrar, chutar, puxar cabelo etc.);
- violência psicológica (insultos, ameaças, abuso verbal etc.); e
- violência sexual (forçar a relação sexual, ridicularizar o corpo da companheira etc).

Utilizando essas três categorias de violência e a frequência de seu uso, foi possível estabelecer um “índice composto de violência

de gênero” (*baixo* para “usou uma vez”, *médio* para “usou mais de uma vez” e *alto* para “usou frequentemente”). Verificando os índices gerais, concluímos:

Violência física: De todos os entrevistados, 25,4% relataram ter usado violência física, pelo menos uma vez, contra a parceira. Conforme mencionado, esta porcentagem aproxima-se dos dados nacionais relativos aos índices obtidos com mulheres vítimas de violência física. Um estudo recente com 2500 mulheres em 187 cidades e 24 estados, no Brasil, confirmou que um terço delas foi vítima de violência física pelo menos uma vez e teve como agressor o parceiro íntimo (Venturi, 2001).

Violência sexual: 17,2% dos homens informaram ter usado violência sexual, pelo menos uma vez, contra a parceira. Cabe ressaltar que, nessa definição, inclui-se forçar a ter sexo, comparar a companheira com outras mulheres, ridicularizar o corpo ou desempenho sexual da parceira, chantagear ou pressionar psicologicamente para obter sexo. Dos homens participantes da pesquisa, 2% afirmaram ter forçado uma parceira a ter relações sexuais.

Violência psicológica: essa foi a forma de violência mais relatada. Aqui 38,8% dos homens entrevistados afirmaram ter insultado, humilhado ou ameaçado, pelo menos uma vez, a parceira.

Com o objetivo de facilitar uma análise da relação entre as variáveis independentes (renda, escolaridade, faixa etária, localidade, ter sido vítima na família de origem e ter presenciado violência contra uma mulher na família de origem) com a variável dependente (a violência de gênero), desenvolvemos um índice composto de violência. De acordo com esse índice, 51,4% dos homens entrevistados usaram, pelo menos uma vez, algum tipo de violência contra a parceira íntima. Ressalta-se que a média de formas de violência contra a mulher, segundo esta investigação, para os homens que relataram ter usado violência, é de 2,3 por cada respondente, de um total de 15 formas de violência classificadas por este estudo.

De modo geral, esses dados sugerem que a maioria dos homens que dizem usar violência, fazem uso esporádico de diversos tipos de violência. E, confirmando o senso comum, a forma mais habitual de violência mencionada foi a psicológica. A relativa baixa frequência das várias formas de violência contra mulheres pode ser reflexo do sub-relato sobre as ocorrências. No Projeto Piloto de Penas Alternativas para Homens Autores de Violência, o estudo realizado identificou que, tanto para os homens que haviam usado violência quanto para as mulheres vitimadas, ocorreram episódios de violência física e psicológica inúmeras vezes no curso de vários anos de relação íntima. Nos grupos focais realizados nesse estudo, também foi relatado que aconteceram incidentes de violência física em vários momentos

(em alguns casos, as mulheres também usaram violência física, no transcorrer de vários anos, contra os parceiros). É possível que, de fato, apenas uma pequena porcentagem de homens use, frequentemente, de violência contra mulheres. Todavia, é provável que os homens que admitem o uso de violência “uma vez” contra a parceira possam estar sub-relatando a frequência do uso.

O que os homens relatam como razões para recorrerem à violência contra as mulheres?

Os motivos relatados para o uso da violência contra mulheres variaram. Contudo, foi possível identificar algumas tendências. Em ambas as abordagens — qualitativa e quantitativa — deste estudo, como algumas dessas razões, os homens mencionaram o

Gráfico 8 - ÍNDICE DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Este índice mensura com que intensidade os homens admitem o uso de violência contra a mulher.

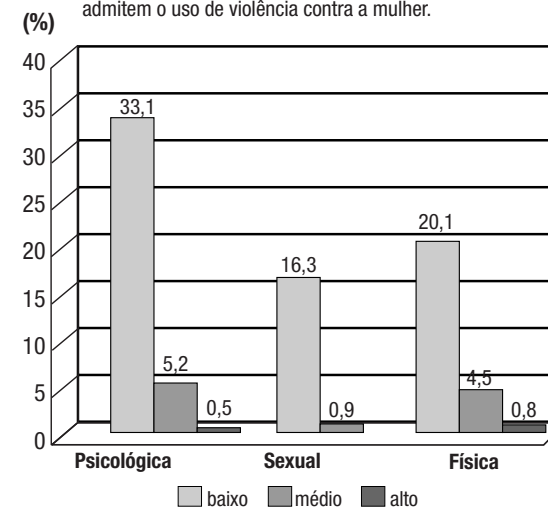
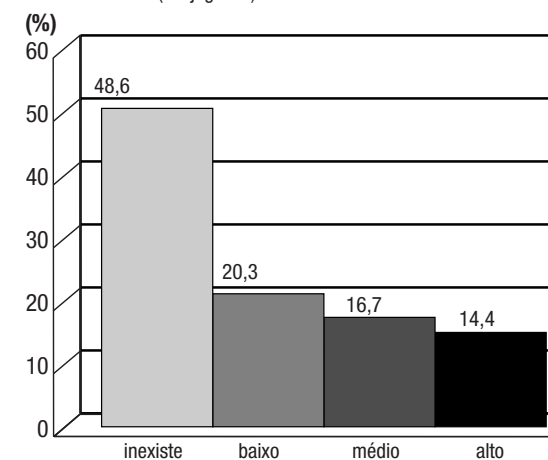


Gráfico 9 - ÍNDICE COMPOSTO DE VIOLÊNCIAS CONTRA A MULHER

Este índice mensura com que intensidade os homens admitem o uso das três formas (conjugadas) de violência contra a mulher.



ciúme, a infidelidade, assuntos domésticos (argumentos sobre a criação de filhos e finanças de casa) e o fato de serem “importunados” pelas mulheres. Nas discussões dos grupos focais, os homens mais jovens relataram que o ciúme e a infidelidade constituem os “principais motivos” para o uso de violência contra as mulheres; já para os mais velhos, os conflitos gerados pelas discussões sobre a criação dos filhos, dinheiro, e “deixar a casa uma bagunça” foram os motivos mais citados. Alguns homens informaram que o desemprego foi uma razão fundamental para o uso de violência: “Quando um homem perde o trabalho, [...] as brigas [entre o casal] ficam mais intensas [...], e o sujeito começa a perder a auto-estima [...], e as coisas simplesmente vão ficando cada vez piores”.

Nos grupos focais, vários homens, especialmente os mais velhos, fizeram referência às diferenças nos estilos de comunicação entre os gêneros como possíveis causas de violências de homens contra mulheres. Um homem mais velho relatou: “[...] As mulheres têm a habilidade para modular o tom de voz... é como se a voz dela entrasse na sua cabeça... te futucando”. Ainda em relação à questão da comunicação, tanto nos grupos focais quanto nos dados quantitativos, de todos os motivos citados, a infidelidade foi o argumento mais utilizado pelos homens das áreas de baixa renda como a razão “mais justificável” para o uso de violência contra uma mulher. Um dos homens jovens de uma comunidade de baixa renda mencionou: “Se eu descobrir uma traição, vou lá e arranco os dentes dela. Mas isso vai ser na moita, na minha casa ou na dela. Não vou dar bandeira de corno na rua” [faz gesto de soco].

Em geral, tanto os homens moradores das áreas de baixa renda como os da área de classe média mencionaram que a violência contra mulheres não é algo socialmente aceito. O discurso geral, nos grupos focais, foi o de que tal violência não deveria acontecer, mas ocorre porque os homens perdem o controle. Um homem descreveu que: “[...] às vezes simplesmente não tem nenhum modo para evitar isto”. Outro expôs: “Eu vou ser honesto: [...] eu a sacudi algumas vezes. Mas eu não acho isso certo”.

Com relação às diferenças entre gerações, também é possível destacar várias tendências. Entre os homens jovens, discutir com mulheres foi descrito como algo sem sentido ou irrelevante. Entre os que estão começando a formar relações mais estáveis, as razões para as discussões se tornam mais intensas e derivam do ciúme e de possíveis infidelidades. Os dados quantitativos e qualitativos sugerem que, para muitos homens jovens, a violência física contra mulheres se intensifica quando esses começam a formar relações estáveis. Dentre os homens entrevistados, aqueles com idades entre 20 e 24 anos foram os que apresentaram os índices mais elevados de violência — de todos os tipos mencionados — contra mulheres.

Fatores associados à violência de gênero

Nesta seção, segundo os dados quantitativos, exploraremos vários fatores que apareceram associados com a violência de gênero. Primeiramente, examinaremos a associação entre violência de gênero e uso de preservativo. Conforme mencionado, pesquisas realizadas em outras localidades sugerem uma associação entre violência de gênero e baixo uso de preservativo. Como se pode observar no gráfico 10, para baixos níveis de violência, parece ser pequena a associação entre a prática da violência e o uso de preservativo. Entre os homens que não usaram preservativos na última relação sexual, com parceira eventual, entretanto, identificamos um índice significativamente mais alto de formas mais intensas de violência. Isso pode sugerir uma possível associação entre os dois temas. É provável que homens que praticam formas graves de violência contra mulheres não se preocupem com as consequências da prática de sexo inseguro para a parceira como, por exemplo, contrair DST ou uma gravidez não planejada.

Outro fator que, nesta pesquisa, se encontra associado ao uso de violência contra mulheres é o número de parceiras sexuais nos últimos seis meses. No gráfico 11, visualiza-se que os homens que relataram maior número de parceiras sexuais nesse período apresentam, também, índices mais elevados de violência em todas as frequências. Homens que tiveram três ou mais parceiras sexuais, nos últimos seis meses, apresentaram uma probabilidade 2.6 vezes maior de praticarem violência mais grave contra a parceira, em comparação a homens que não tiveram nenhuma parceira sexual no mesmo período, e 1.8 vezes maior quando comparados aos homens com apenas uma parceira sexual no mesmo período. Esses dados sugerem que homens que buscam relações sexuais como uma forma de “conquista” sexual estão mais propensos ao uso de violência contra mulheres. É possível que homens envolvidos em múltiplas relações com mulheres possuam relacionamentos mais conflituosos e recorram à violência; e, ainda, que o uso de violência contra mulheres e a crença em “conquistas sexuais” sejam, também, provenientes de visões tradicionais sobre masculinidades.

No gráfico 12, pode-se observar uma associação entre ter contraído uma DST e o uso de violência contra a parceira. Homens que tiveram alguma DST são mais propensos a praticar violência contra mulheres em todos os níveis de intensidade. Novamente, parece provável que o fato de ter mais de uma parceira, o baixo uso de preservativo e o uso de violência contra mulheres são derivados de visões mais tradicionais e rígidas do que significa ser homem. (Por exemplo, acreditar que o homem deve estar sempre disposto a ter relações sexuais, que a palavra de um homem tem que prevalecer numa discussão doméstica etc.)

Gráfico 11 - ÍNDICE COMPOSTO DE VIOLÊNCIA CORRELACIONADO COM O PADRÃO DE RELACIONAMENTO SEXUAL COM PARCEIRA EVENTUAL

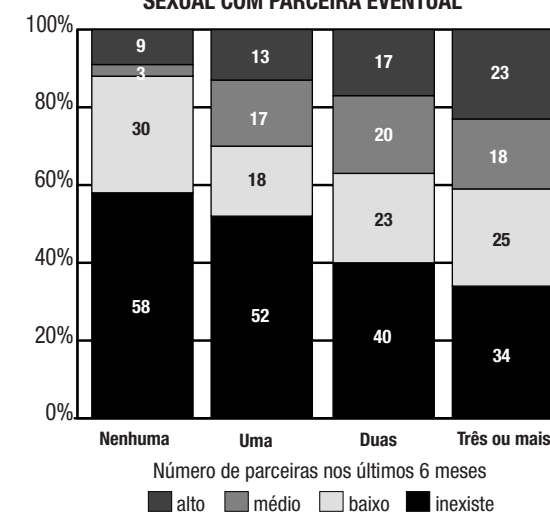


Gráfico 10 - ÍNDICE COMPOSTO CORRELACIONADO COM USO DE PRESERVATIVO COM PARCEIRA EVENTUAL

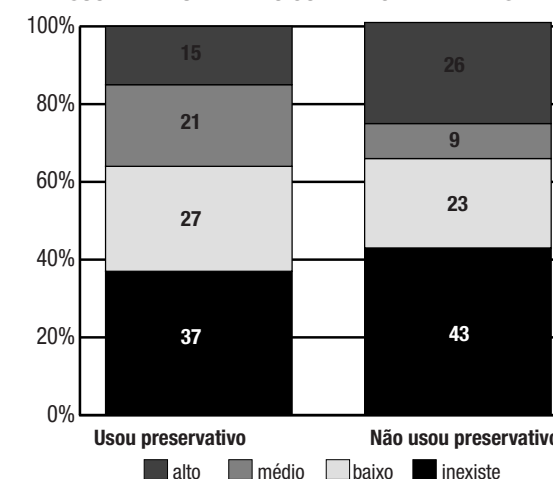
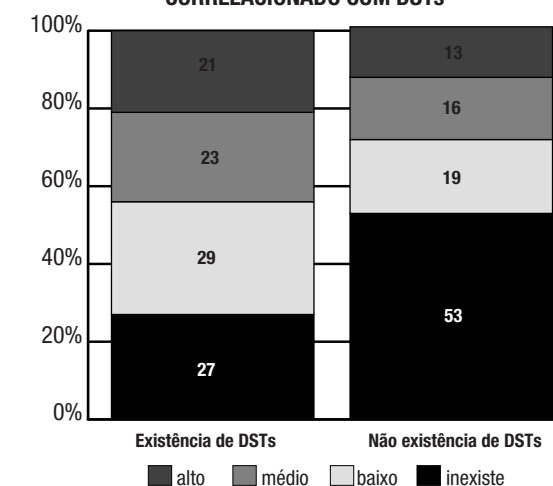


Gráfico 12 - ÍNDICE COMPOSTO CORRELACIONADO COM DSTs



V. DISCUSSÃO

Principais associações

Nesta seção, apresentamos uma discussão tendo como ponto de partida as conclusões e possíveis associações ou fatores relacionados ao uso de violência de homens contra mulheres, evidenciados neste estudo. Primeiramente, examinamos, no quadro seguinte, as associações com quatro variáveis principais, quais sejam: situação socioeconômica, nível educacional, faixa etária e moradia. (Todas as associações descritas foram avaliadas a partir do teste denominado X^2 , sendo consideradas estatisticamente significativas quando igual ou inferior a 0.05.)

De modo geral, a análise sugere que os homens jovens de baixa renda, com idade entre 20 e 24 anos e baixo nível de escolaridade, estão mais propensos ao uso de qualquer tipo de violência contra mulheres. A associação entre o uso de violência e faixa etária também se tornou importante, porque sugere uma trajetória de desenvolvimento do uso de violência contra mulheres. Os homens jovens, entre 15 e 19 anos, parecem “ensaiar” a violência contra mulheres, e todas as formas de violência — psicológica, física e sexual — combinadas são mais elevadas quando os homens jovens formam suas primeiras relações estáveis, o que acontece, geralmente, entre 20 e 24 anos. Nos grupos focais realizados com homens jovens de baixa renda, foram mencionadas inúmeras referências para a “natureza tensa” das relações entre homem e mulher.

Em particular, homens jovens se mostraram preocupados com a fidelidade da parceira. E, como se mencionou, a infidelidade foi, freqüentemente, citada pelos homens como justificativa para o uso de violência física contra mulheres. Como um homem jovem relatou, “Ninguém, nem mulher, gosta de ser traído”.

Principalmente entre os homens mais jovens, foi registrado que o comportamento feminino não é digno de confiança e, como exemplo, temos os seguintes relatos: “Mulher é tudo igual, a diferença é só quando troca de roupa...”; “Na minha opinião, 50% das mulheres traem...”. Ainda que com índices menores, os homens mais velhos também relataram o uso de violência contra mulheres. Contudo, de acordo com os registros dos grupos focais, esses homens mais velhos relataram assuntos domésticos — renda, filhos e discussões — como os motivos para os desentendimentos e para o uso de violência contra as mulheres.

Estudos recentes com jovens no Brasil e outros países sugerem um maior grau de igualdade nas relações entre homens e mulheres nas faixas etárias mais jovens, com tendência para relações mais casuais ou ocasionais (ficar), sugerindo que ambos são livres para terem, ao mesmo tempo, outros parceiros sexuais. Na prática, porém, de acordo com os relatos dos homens mais jovens (e examinando os índices de violência contra as mulheres), percebe-se que eles mostram uma desconfiança em relação às mulheres. Os homens jovens geralmente se vêem no direito de terem parceiras sexuais “adicionais”, podendo, todavia, usar violência caso descubram que a parceira os “traiu”.

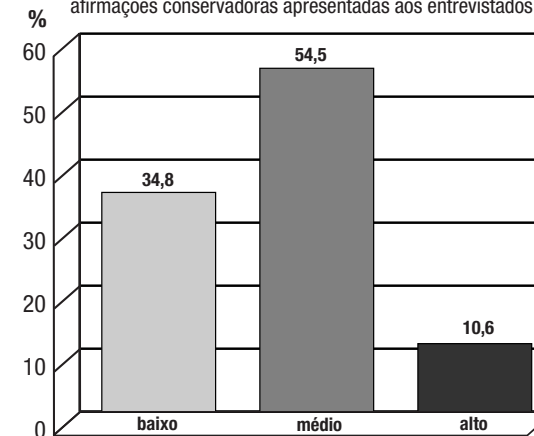
Associação entre Atitudes e Comportamento

Foi realizada uma série de perguntas aos homens em relação a determinadas normas de comportamento — algumas afirmando formas tradicionais, outras mais modernas e igualitárias de relações de gênero. Examinando as respostas e observando o gráfico 13, percebe-se uma conjugação de opiniões ou atitudes modernas com normas mais tradicionais. As normas mais tradicionais estiveram estatisticamente associadas ao uso de violência contra mulheres. Além disso, quando questionados sobre situações nas

quais justificariam a violência contra mulheres, as respostas foram altamente associadas ao uso de violência. Ou seja, quem acredita que a violência contra mulheres é justificada tem mais probabilidade de relatar o fato de ter usado violência contra uma parceira.

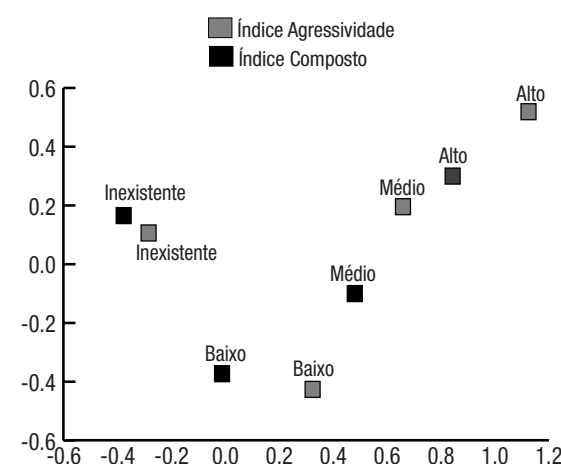
Gráfico 13 - ÍNDICE DE MASCULINIDADE TRADICIONAL

Este índice apresenta o grau de concordância com uma série de afirmações conservadoras apresentadas aos entrevistados



Quando apresentamos aos homens uma série de supostas justificativas para o uso de violência contra mulheres, 37,6% deles concordaram com pelo menos uma das justificativas. Dentre elas, temos, como exemplo, o fato de a mulher se vestir de modo provocante, de não cuidar dos filhos, traição por parte dela etc. Um pequeno percentual de homens (5,4%) afirmou que todas as justificativas apresentadas eram razões para o uso de violência contra as mulheres. Em outras palavras, isso significa que a violência de um homem contra a mulher se justifica em tais circunstâncias. Como é possível visualizar no gráfico 14, essas justificativas estiveram fortemente associadas ao uso de violência contra mulheres. Em suma, as atitudes e crenças dos homens quanto ao uso de violência contra mulheres não se limitam às palavras, mas, de fato, sustentam essa prática.

Gráfico 14 - ÍNDICE DE POTENCIAL DE AGRESSIVIDADE COM ÍNDICE COMPOSTO DE VIOLÊNCIA



VARIÁVEIS	ANÁLISE DE CORRESPONDÊNCIA	RESULTADOS
RENDA	Exceto em relação à violência física, os níveis de rendimento não apresentam uma correlação significativa com os índices de violência.	Quanto à associação entre violência física e renda, verifica-se que a violência tende a ser maior entre os que têm menor renda, embora os níveis mais altos de violência física não estão diretamente relacionados com renda.
ESCOLARIDADE	O índice composto de violência está em torno da variável. Observa-se uma associação estatisticamente significativa entre o índice composto de violência e o índice de escolaridade.	Homens com menores níveis de escolaridade tinham maior tendência a afirmar que usavam violência contra suas parceiras íntimas.
FAIXA ETÁRIA	A faixa de 15 a 19 anos se correlaciona com o baixo índice. A faixa de 15 a 19 anos se correlaciona com baixo índice de violência; já a faixa de 20 a 24 anos corresponde a alto índice de violência. O médio índice de violência corresponde à faixa etária de 25 a 39 anos. Homens entre 15-24 anos reportaram os índices mais altos de violência sexual, embora os números ainda tenham sido baixos.	Idade, ou fase de desenvolvimento, é um fator crucial ao se tentar compreender violência de gênero. Homens de 20-24 anos, quando estão formando suas relações íntimas estáveis, são mais propensos ao uso de violência contra a mulher. Ao mesmo tempo, os homens mais jovens (entre 15 e 24 anos) já estão usando violência contra as mulheres, embora em menor escala, o que sugere estarem “ensaiando” estilos de convivência com as mulheres, os quais incluem a violência.
LOCALIDADE	O local de moradia tem uma relação significativa com a violência física.	Como foi previsto, por causa da relação entre o local de moradia e renda, as duas comunidades de renda mais baixa tinham índices maiores de violência contra mulheres.

Vitimização por violência física e uso de violência

Finalmente, também identificamos, em conformidade com estudos realizados em outros países, que o fato de alguns homens terem sido vítimas ou testemunhas de violência na família encontra-se estatisticamente associado ao uso de violência contra a mulher. Quarenta por cento (40%) dos homens relataram ter testemunhado a violência de um homem contra uma mulher, e 45,5% informaram ter sido vítimas de violência física na família. O gráfico 15 ilustra o padrão de correspondência ou associação entre violência testemunhada ou sofrida na família e uso de violência contra a parceira.

Entretanto, cabe ressaltar que não se pretende, com isso, afirmar que os homens que foram vítimas de violência em suas famílias usarão, mais tarde, violência contra a parceira íntima. Porém, ser educado num ambiente onde a violência ocorreu com frequência ou foi considerada como um “comportamento masculino normal” encoraja os homens jovens a acreditarem que tal violência é natural e aceitável, o que pode, para alguns, sugerir ser essa a única forma para a solução de conflitos.

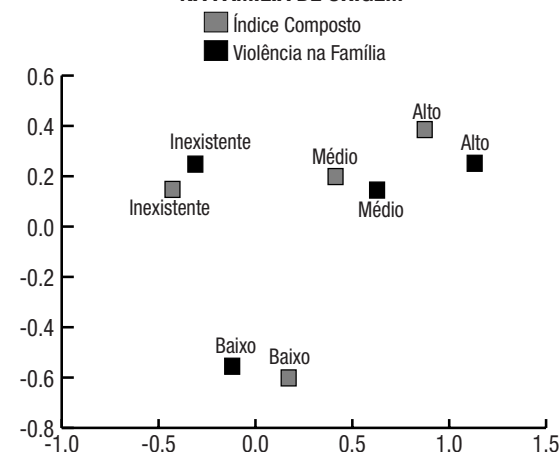


VI. CONCLUSÕES E PRÓXIMOS PASSOS

Os resultados aqui apresentados sugerem que é preciso empenhar esforços para o engajamento dos homens no sentido da prevenção e da redução da violência contra a mulher. Apesar das significativas mudanças ocorridas tanto no plano privado quanto no âmbito público com relação ao problema da violência contra a mulher — o que também se verifica pela criação, nas décadas de 80 e 90, de Delegacias Especiais de Atendimento à Mulher (DEAMs) e, na segunda metade da década de 90, de propostas de intervenção com homens em situações de violência de gênero — os resultados apresentados confirmam a necessidade de se fortalecerem as ações já existentes e propor, como pauta da agenda pública, o envolvimento e a responsabilização de homens na problemática da violência de gênero.

Os institutos NOOS e PROMUNDO vêm trabalhando com esse problema no Rio de Janeiro e em todo o País. O Instituto NOOS iniciou grupos reflexivos com abordagem responsabilizante para homens que praticaram violência contra mulheres no Projeto de Medidas e Penas Alternativas. A metodologia desse trabalho, desenvolvida e descrita pelo Instituto

Gráfico 15 - ÍNDICE COMPOSTO DE VIOLÊNCIA RELACIONADO A TER SIDO VÍTIMA DE VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA DE ORIGEM



É necessário considerar também o contexto mais amplo da violência — a violência estrutural — no qual os homens entrevistados vivem. As duas comunidades de baixa renda incluídas neste estudo encontravam-se, na ocasião da pesquisa, submersas na violência relacionada ao crime organizado — fator

complicador que estrutura e limita as relações sociais dos homens e as relações de gênero em tais comunidades. Isto afeta, também, a forma como as mulheres respondem à violência — se podem ou não denunciar a violência de um homem — e, além disso, pode servir para justificar o uso de violência de homens jovens contra mulheres. Um dos homens jovens, entrevistado em uma das comunidades de baixa renda, relatou que uma mulher não poderia fazer denúncia em caso de violência praticada por um homem na comunidade: “Ela vai ficar na dela. Não é maluca! Ela é nascida e criada na favela. Sabe que não pode dar bofeira. Vai dar uma de X9 e vai se prejudicar”.

A presença de grupos de traficantes e as atitudes repressivas da polícia são bastante comuns nessas comunidades, tendo implicações diretas nas possibilidades de busca de ajuda por parte das mulheres quando são vítimas de violência do parceiro. Além disso, a tensão entre a polícia e o tráfico — e a tendência dos primeiros em tratar os homens jovens, nessas comunidades, como potenciais criminosos — fragiliza a legitimidade da intervenção policial frente a algumas mulheres e famílias, ainda que em casos de violência intrafamiliar.

Todas estas atividades têm como objetivo comum a transformação da masculinidade hegemônica e a conscientização dos homens sobre a violência de gênero, envolvendo-os na responsabilização da violência que cometam contra mulheres e incentivando-os a que influenciem outros homens a interromperem esse tipo de violência. Essas atividades poderão adquirir maior intensidade e apoio a partir das informações e análises desta e de outras pesquisas, bem como através do engajamento de outros parceiros.

Finalmente, podemos observar que os homens entrevistados estão submetidos a várias formas de violência. Conforme mencionado, nas localidades de baixa renda onde a pesquisa foi realizada, a violência está fortemente presente no cotidiano dos moradores. Além disso, aproximadamente metade dos homens entrevistados sofreu violência física ou foi testemunha de práticas de violência nas suas famílias de origem. Ainda que tenhamos que chamar atenção para a violência praticada por homens em relação à mulher — e há muito por fazer nesta área — parece-nos igualmente importante compreender o que significa para os



meninos e rapazes crescerem em ambientes onde a violência é ostensivamente presente. Muitos dos homens entrevistados nesta pesquisa são, ao mesmo tempo, vítimas, testemunhas e autores de violência. Isso nos faz refletir sobre a necessidade de criar espaços nos quais os homens — jovens e adultos — possam questionar sobre o que a violência significa para eles, como podem construir alternativas para a solução de conflitos que não a prática de

violência, e como se pode constituir formas de interação nas relações de intimidade com base no respeito e na equidade. É importante ressaltar, mais uma vez, que as relações de gênero não devem ser vistas de maneira simplista. Ter sido vítima ou testemunha de violência não necessariamente transforma alguém em autor de violência. Porém, os contextos violentos nos quais esses homens vivem indicam a necessidade de se trabalhar para

a redução e a prevenção da violência contra a mulher em diferentes níveis. Precisamos trabalhar no nível político, com mulheres em situação de violência, com homens autores de violência contra a mulher, com meninos e homens jovens afim de discutir e apresentar alternativas para práticas de violência. Em suma, temos que trabalhar com todos os homens, e com a sociedade em geral, pelo fim da violência contra a mulher.

Referências

ARCHER, J., ed., *Male Violence*, London: Routledge, 1994.

ASSIS, S. *Crescer sem Violência: Um desafio para educadores*, 1997, Fundação Oswaldo Cruz/Escola Nacional de Saúde Pública, Brasília.

BARKER G. e LOWENSTEIN, I., *Where the Boys Are: Attitudes Related to Masculinity, Fatherhood and Violence towards Women among Low Income Adolescent and Young Adult Males in Rio de Janeiro, Brazil*, *Youth and Society*, 1997, 29/2, 166-196.

BARKER, G., *Non-Violent Males in Violent Settings: An Exploratory Qualitative Study of Pro-social Low Income Adolescent Males in Two Chicago (USA) Neighborhoods*. Em *Childhood: A Global Journal of Child Research*, 5/4, 437-461, 1998.

BARKER, G., *Gender Equitable Boys in a Gender Inequitable World: Reflections from Qualitative Research Programme Development in Rio de Janeiro*. Em *Sexual and Relationship Therapy*, 15/3, 263-282, 2000a.

BARKER, G., *What About Boys? A Literature Review on the Health and Development of Adolescent Boys*, Department of Child and Adolescent Health, World Health Organization, 2000b, WHO/FCH/CAH/00.7.

BARKER, G., *Peace Boys in a War Zone: Identity and Coping among Adolescent Men in a Favela in Rio de Janeiro, Brazil*, 2001, Tese (Doutorado em Desenvolvimento Infanto- Juvenil) Erikson Institute, Universidade de Loyola, Chicago, EUA.

CESPI/USU e Instituto PROMUNDO, *Crianças, adolescentes e suas bases de apoio: Fortalecendo as Bases de Apoio Familiares e Comunitárias para Crianças e Adolescentes no Rio de Janeiro. Resultados Iniciais 2000-2001*, 2001, Rio de Janeiro.

CRITTENDEN, K., *Relationship Violence, HIV Risk and Psychological Wellbeing among Latinas in the USA*, In: France AIDS Care Conference, 1999, Resumos.

HEISE, L., *Abuso de violência de gênero: A epidemia global*. Em: *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro 10 (Supl. I): 135-145, Rio de Janeiro, ENSP, 1994.

Instituto Brasileiro da Geografia e Estatística (IBGE), e Subsecretaria de Pesquisa e Cidadania, Secretaria Estadual de Segurança Pública, 1999, *Pesquisa-Piloto: Resolução de Conflitos Conjugais* [Relatório de Pesquisa].

Instituto NOOS e Instituto PROMUNDO, *Projeto Piloto de Aplicação de Penas Alternativas aos Homens Autores de Violência Intrafamiliar no Âmbito dos Juizados Especiais Criminais do Estado do Rio de Janeiro*, 2000, RJ [Relatório de Pesquisa].

RICARDO, I.B., RUZANY, M.H., SEEDAT, M., TAQUETTE, S.R., STEVENS, G., MEIRELLES, Z.V., OLIVEIRA, R.G., JOHNSON, K., *Intimate Partner Violence and Risky Sexual Behaviors: A Study of Youth in Rio de Janeiro and Johannesburg*. Em: *Journal of Adolescent Health*, v. 28, p. 135, 2001.

VENTURI, G., (coord.) *A Mulher Brasileira nos Espaços Público e Privado*. Fundação Perseu Abramo (FPA), Outubro, 2001.